

ASAS DA PALAVRA



Produção Acadêmica do Curso de Letras

UnUnama

1993

Literatura Amazônica Comentada

Eneida

**Universidade da Amazônia
Centro de Ciências Humanas e Educação
Curso de Letras
1993**



Eneida de Moraes ao lado de Carlos Drummond de Andrade e outros amigos.

Expediente

Asas da Palavra

n.º 0

Publicação Semestral do
Curso de Letras
Centro de Ciências
Humanas e Educação
UNAMA

Produção editorial:

Célia Jacob

Paulo Nunes

Josse Fares

Veneranda Gutierrez

Composição eletrônica

Rogério Soeiro

Impressão Gráfica

Compugraph

ÍNDICE

- Apresentação	2
Dyrce Koury Wagner	
- Editorial	3
Maria Célia Jacob	
- Cronologia Biográfica	4
- Eneida Mulher...	5
Veneranda Gutierrez	
- Eneida, o matiz social num tecido de lirismo	6
Josse Fares	
- Aruanda - um jeito de conhecer Eneida	7
Lienilça Câmara	
- Viajando com a linguagem de Eneida	8
Lucyrene Moura	
- O banho folclórico de Eneida	12
Edvandro Pessoa	
- Eneida: o girassol das janelas de Belém	14
Paulo Nunes	
- A palavra de Eneida em inglês	16
Yone Mattietto	
- Eneida: paisagens geográficas e emocionais	18
Célia Jacob	
- Eneida - a pierrô que também fazia versos	23
Ludirema Lopes	

Apresentação

Quando o curso de Letras da UNAMA, num esforço conjunto de professores e alunos, lança ASAS DA PALAVRA e pedem-me que faça a Apresentação desta publicação, rememoro quando, em aulas, procura-se mostrar aos alunos a importância da palavra para o sucesso profissional.

A área de Ciências Humanas e Educação, procura-se demonstrar, depende em grande parte do uso da palavra, quer escrita, quer oral, uma vez que a comunicação, imprescindível para o desempenho de nossas atividades, é peça fundamental na conquista de nossos objetivos.

Hoje, quando coincidindo com a instalação da UNAMA - ASAS DA PALAVRA entra em circulação, além desta mensagem é importante dizer-lhes, professores e alunos do Curso de Letras da UNAMA - aceitem o desafio de Fanny Abramowich e Ziraldo, quando aqui estiveram entre nós e, sem medo, caminhem na mesma direção da produção literária, de escrever, enfim, de comunicar sua elaboração pessoal.

Parabéns por esta conquista.

Dyrce Maria Koury Wagner - Diretora do CCHE / UNAMA

EDITORIAL

É muito difícil lecionar Literatura sem se apaixonar por essa disciplina. Como é muito difícil coordenar um Curso de Letras sem estar apaixonado por ele.

Essa paixão, portanto, é que nos move como um chamado interior que perturba, incomoda, instiga, propõe desafios, impulsiona a realizar projetos como esse - uma revista do curso. Mais especificamente, uma revista sem grandes pretensões, mas que tenha como objetivo maior promover, divulgar, fazer conhecer autores da literatura amazônica, muitos deles totalmente desconhecidos para alguns.

A proposta de " Asas da Palavra " (título que pedimos emprestado a Caetano Veloso) é a de " alçar vôo ", mesmo! Levar o aluno do curso de letras da UNAMA a ler mais , conhecer o observar a fala do homem da nossa região, numa necessidade que se faz urgente de defesa permanente da nossa herança literária, da nossa tradições e da língua que fala a Amazônia.

Nossa meta é realizar a publicação a cada semestre, aparando arestas, aceitando sugestões, colaborações; e escolhendo um autor que deverá ser lido e comentado sob diferentes enfoques, embora nada seja categórico ou definitivo. Apenas um caminho entre muitos, uma maneira de olhar, de ver.

Para o número inaugural escolhemos ENEIDA, a cronista que tanto amou Belém. Alguns alunos, ainda assustados com a proposta, aceitaram o desafio. Escreveram tímidas linhas (e até houve uma tradução livre em inglês de uma das crônicas, numa mostra de interdisciplinaridade), para, juntamente com alguns professores que também colaboraram, concretizarem o sonho da revista.

" Navegar é preciso ". Voar é preciso. E, ainda que nossas asas nem sempre encontrem um espaço aberto, céu limpo, ainda que haja muitas nuvens a transpor, estaremos juntos, de mãos dadas, olhando na mesma direção.

Célia Jacob

CRONOLOGIA BIOGRÁFICA

1903	Eneida Vilas Boas Costa de Moraes nasce em Belém, Pará; filha de Guilherme Costa e Júlia Vilas Boas Costa
1911	Após estudar o primário com a professora Hilda, é levada para o Rio de Janeiro para ser internada no Colégio Sion de Petrópolis, de onde sai aos 13 anos
1916	Volta para Belém e estuda no Colégio Gentil Bittencourt
1926	A revista Belém Nova, no nº 66 de 4 de setembro publica o poema Canção Duns Olhos Verdes
1927	No dia 15 de janeiro, a revista Belém Nova publica o poema Meu Flirt Com a Vida
1930	Publica seu primeiro livro, Terra Verde , um trabalho de poemas amazônicos
1932	Já residindo no Rio de Janeiro, solidária com o movimento constitucionalista, foi presa durante 4 meses e fichada nos arquivos da Polícia Política
1936	Por suas idéias políticas, foi novamente presa, juntamente com Graciliano Ramos, que a cita em algumas passagens do livro Memórias do Cárcere. Publica O Quarteirão , histórias populares da vida brasileira.
1949	Viaja para Paris, onde fixa residência. De lá manda crônicas para o Diário de Notícias, onde assina a coluna " Encontro Matinal ", sempre fazendo referências ao Estado do Pará
1951	Publica Paris e Outros Sonhos
1953	Publica Sujinho de Terra
1954	Publica Cão da Madrugada
1957	Publica Aruanda
1958	Publica História do Carnaval
1959	Esteve na Rússia, países socialistas e China. Publica Caminhos da Terra .
1962	De 28 a 02 de dezembro, tomou parte ativa no I Congresso Nacional do Samba
1963	Publica Banho de Cheiro
1965	Publica Boa Noite Professor ,
1968	Narra o espetáculo Camávalia , produzido por Sidney Miller e Paulo Afonso Grisolli, no Teatro Casa Grande, Rio de Janeiro
1971	Falece em 27 de abril e seu corpo vem para ser enterrado em Belém, no Cemitério Santa Isabel
1972	No carnaval do Rio de Janeiro, a Escola de Samba Acadêmicos de Salgueiro homenageia Eneida e o Pará num enredo de Tereza Aragão e samba de Nilson Nobre
1973	O império de Samba Quem São Eles, de Belém, com o enredo Eneida Sempre Amor , música de Simão Jatene e letra do poeta João de Jesus Paes Loureiro, homenageia a cronista
1989	A Secretaria de Estado da Cultura / Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, através do projeto Lendo o Pará , publica no volume 2 Aruanda e Banho de Cheiro

Pesquisa de Ludlrema Lopes - aluna do 4º ano do Curso de Letras da UNAMA.

ENEIDA MULHER...

Maria Veneranda Gutierrez

" Não tenho medo da realidade, antes encaro-a com firmeza. Envelheci com esse princípio. A velhice não me causa pavor; não quero morrer, mas também não temo a morte. Vou pelo meu caminho pisando firme. No meu túmulo - gostaria que fosse a vala comum - a única frase que mereço como epitáfio: - Esta mulher nunca topou chantagens "
(Aruanda. Banho de cheiro. Eneida de Moraes)

Adora estórias. De vida, de gente, de alegria. Quanto mais simples, mais belas. E a Eneida escritora é isto. Uma exímia contadora de estórias. Tão vivas. Cheias de amor. Verdades. Lembranças. Tão próximas da gente, que poderiam ser nossas. Encantadoras.

Surpreendentemente encantadora, porém, é a Eneida mulher.

Desde pequena busca a liberdade. Suprime preconceitos. Odeia injustiças.

Não gosta de bonecas - absolutamente compreensível ... Imaginem no seu tempo uma mulher (menina, ainda) requerer maioridade. Não há tempo para bonecas.

Feminista ? Não diria. É um termo pesado. Lembra radicalismo. E ela é, sim uma mulher à frente do seu tempo. Apenas.

Boêmia. Amante da noite. Atuante no carnaval, cria o Baile do Pierrô, famoso nos anos 60. Recebe homenagens de Escolas de Samba: Salgueiro, no Rio. Quem São Eles, em Belém.

Marcante é sua atuação política. Filiada ao Partido Comunista, é perseguida e presa política no Estado Novo. Na prisão, tem contato com Olga Benário, Sabo Berger - ambas mortas pela Gestapo - Graciliano Ramos e outros escritores e intelectuais presos na época.

Esses anos difíceis não a intimidam. Dão-lhe, sim, mais força para lutar pela justiça social.

Sempre convicta e de suas idéias, de sua trajetória. Consciente. Tenaz.

Como escritora, como amante, como mulher ... Eneida. Para sempre.

Maria Veneranda Gutierrez - aluna da turma 3 LEN I e Monitora da disciplina Língua Portuguesa do curso de Letras da UNAMA.

ENEIDA, O MATIZ SOCIAL NUM TECIDO DE LIRISMO

Josse Fares

Foi numa tarde de ensaio do nosso internacionalmente desconhecido Grupo Mãos Dadas, que tive oportunidade de mergulhar nessa onda de emoção que é Eneida.

Ela me veio pelas mãos de um amigo, o Aldemir, o que agora canta no coro dos anjos (antes cantava na Casa do Choro). Quando chegou, abriu-me um sorriso e emprestou-me Aruanda e Banho de Cheiro, querendo dividir comigo essa sempre - viva de amor, Eneida.

Quando comecei a ler as obras - numa encadernação de Tó Teixeira - não conseguia mais parar e fui me envolvendo nesse lirismo matizado de social. A identificação foi imediata. Entreguei-me por inteiro. A cronista paraense, radicada no Rio de Janeiro, vai tecendo com fios de nostalgia e memória um fino tecido de humanidade. Uma Belém de ares provincianos se descortinava diante dos meus olhos. Pude ouvir então a polifonia da cidade com seus tipos característicos, suas tradições, seu andar ainda maneiro e leve.

Creio que não existe narrador sem memória. E é da reminiscência que a escritora vai tirando o retrato de sua época, marcada pelo sombrio Estado Novo Getulista. De sua retina iluminada vêm as dores, as torturas sofridas no Pavilhão dos Primários, Rio de Janeiro, onde conviveu com Olga Benário, Elisa Saborovsky, entre outras companheiras.

A dor, no entanto, não amofinou essa mulher em sua ânsia pela liberdade. Sua pele ficou no chicote, mas mesmo assim, o barulho dos tamancos no lajedo do presídio, soavam-lhe como a mais pungente canção da liberdade. O verde de seus olhos haveria de se espalhar no coração de todos. Afinal, para ela, a própria vida é um bem coletivo.

Nesse momento, gostaria de entoar os versos de João de Jesus Paes Loureiro que dizem:

Com dez metros de saudade
fiz a minha fantasia
Vá um guiso de tristeza
na camisa da alegria
Quem são eles? Quem fio ela
que a voz do povo aplaudia?

Eneida sempre livre,
Eneida sempre cor,
Eneida sempre viva,
Eneida sempre amor.

Eneida me fez acreditar que a tessitura do coração do homem foi bordada com linhas de solidariedade e amor, muito amor. Por isso tenho esperança.

Josse Fares - professora de Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa do Curso de Letras da UNAMA. É co-autora de Texto e Pretexo, experiência de contextualização a partir da literatura de autores amazônicos, obra adotada na UNIVERSITÉ CHARLES DE GAULLE, LILLE III, Paris.

ARUANDA - UM JEITO DE CONHECER ENEIDA

Lienilça Câmara

" É o que quero fazer com este meu livro: abrir a minha Aruanda, meu passado, meu presente, para que ela deixe de ser apenas minha e se torne de todos, pois que para mim nada existe de meu: a própria vida é um grande bem coletivo. "

Aruanda e Banho de Cheiro, Eneida de Moraes

Eneida... Meu interesse por ela iniciou-se há pouco tempo, através da leitura do volume 2 da Coleção Lendo o Pará, editado pela SECULT, onde estão suas obras ARUANDA e BANHO DE CHEIRO.

A partir daí foi impossível não desejar conhecê-la melhor... Ler essas duas obras foi conhecer um pouco de Eneida, sua luta em favor dos oprimidos, viver a Belém do Grão Pará dos sobrados e casarões e sentir o cheiro das folhagens e do povo que ela tanto amou e que fez conhecidos dentro e fora do Brasil.

Ainda assim era pouco o que eu sabia dela. Muito pouco... Queria saber mais sobre a mulher que, tendo vivido tão pouco tempo aqui, guardou na memória, na retina e no coração cores, cheiros, sabores, sons e o calor dessa terra que soube amar intensamente.

Fui, então à Biblioteca do Centur na certeza de encontrá-la. E foi um encontro inesquecível! Encontrei-a em suas fotos - como imaginei! - expressando o otimismo que sempre a marcou.

Ao abrir o exemplar de Aruanda, deparei-me com sua dedicatória. Apenas ENEIDA, a mulher livre de todo, até de sobrenome...

O encontro foi na manhã de 23 de outubro deste ano. E, ainda folheando Aruanda, pude saber a data de seu nascimento: 23 de outubro de 1903, em sua amada Belém do Pará. Que feliz coincidência! E foi em Aruanda também, que soube um pouco mais: fora rica na infância e estudara em um internato no Rio de Janeiro. Ao retornar, já adolescente, perdeu, logo depois, sua mãe e amiga.

Na década de 30, Eneida volta ao Rio de Janeiro e entra em contato com o movimento comunista, engaja-se na luta pelos mais fracos - o que lhe custa prisões e desemprego. Em 1949, vai à Europa, onde estuda por um ano.

Após conhecer sua vida nos livros, foi nos jornais que encontrei o inevitável: sua morte. As manchetes da época contam - Belém chora a morte de sua filha, ocorrida no dia 27 de abril de 1971, no Rio de Janeiro. A cidade aguarda, com suas mangueiras tristes sob uma chuvinha fina, a sua chegada, para dar o último passeio pelas ruas que tanto amou, para " viajar a sua cidade " como ela tantas vezes dissera. E, finalmente, descansar o seu corpo nessa terra, para " dar seiva às mangas do Cemitério de Santa Isabel, todo arborizado de mangueiras ". As mangueiras que, com certeza, também florescem na sua ARUANDA - onde há " um cheiro violento de terra e de liberdade ".

Lienilça Câmara - aluna da turma 3LEN1 do Curso de Letras da UNAMA.

Viajando com a linguagem de Eneida

Lucyrene Aranha Moura

Ao se ler a obra de Eneida de Moraes, é impossível deixar de admirar com olhos deslumbrados, os valores contidos na expressão de sua linguagem viva, colorida, sinestésica, dinâmica, explorando todos os recursos que a inspiram sua tendência plasticizante que demonstra um sentido poético da realidade infundindo-lhe sua alma, impugnando-lhe de seus sentimentos, dando-lhe as cores de sua fantasia.

Em toda a sua obra, na qual prevalecem as sensações, predomina um estilo simples, linguagem coloquial, regionalismo equilibrado, períodos curtos.

Entre os recursos que criam o aspecto pictórico na obra de Eneida, entre outros destacam-se, de forma bem colocada, a adjetivação expressiva, o emprego do gerúndio e do discurso indireto livre.

Localizamos várias passagens em que a transposição do adjetivo funciona como forma indireta e irônica de insinuar a posição do narrador em relação ao fato relatado, como:

" A tarde tão quente de verão foi mais longa e dolorosa naquele dia. "

" ...a meninazinha e eu, sem dizermos nada, com um bruto medo do que iria acontecer... "

" São objetos honestos, simples e sem pretensões, que nada dizem aos outros... "

Os adjetivos, nos fragmentos seguintes, apresentam caráter mais interpretativos que descritivos, servindo para animizar e dar sentido humano aos seres, como se exemplifica a seguir;

" A velha mangueira jamais nos acolheu em seus braços; era grande demais e hoje creio que ela fosse sombria e misteriosa, quase floresta escura. "

" Ao fundo, aquela senhora vegetal, tão gorda, tão grande... "

" Nenhuma outra árvore trazia em si aquela simpatia, aquele afeto, aquele companheirismo da caramboleira, baixa e gorda... "

" Que terá sido da caramboleira? (...) Estará ainda viva? É agora uma matrona e, se ficou tão gorda quanto era no passado, pode hoje ser chamada de digníssima senhora. "

O adjetivo exprime intenções subjetivas mais que atributos objetivos; vem carregado de afetividade, de conotação, em:

" Não posso assegurar que o mesmo quadro se reproduza hoje, na cidade em que nasci. Ela mudou muito; é agora uma triste e envelhecida cidade... "

" ...em minha terra, na longínqua e amada cidade de Santa Maria do Grão Pará. "

" ...tristes e negras grades. "

Usa, também, o adjetivo para:

- estabelecer nexos contraditórios, como em:

"...corria atrás dos moleques que éramos todos nós, meninos do meu tempo, ricos e pobres, negros e brancos."

"Havia louras, negras, mulatas e morenas; de cabelos escuros e claros, de roupas caras e trajas modestos."

"Depois de certo tempo, vitórias e derrotas se confundem."

- revelar uma visão mágica e sinestésica em:

"Agora um ébrio (...) continuava gritando com voz pastosa..."

"Palavras que em qualquer momento me despertam e agitam (...) naquele instante eram fluidas, sem cor, sem ressonância."

"...com voz clara, precisa, serena..."

"Ouvíamos, nitidamente, o vaivém doce (frim-frim) leve das cadeiras de embalo austríacas perturbando o silêncio."

Eneida soube, também, explorar, dos adjetivos, os aspectos qualitativos e quantitativos, geralmente em perfeita hierarquia e gradação, como se vê em:

"Tanta gente silenciosa, tímida, medrosa..."

"Seus sapatos são novos, lustrosos, cuidados..."

"As empregadas tristes, mudas, esmagadas, não compreendiam que eu ria para não causar perturbação às suas consciências..."

"Havia as tristes, silenciosas, metidas dentro de si próprias; as vibranteis, sempre prontas ao riso, aproveitando todas as momentos para não se deixarem abater."

Os advérbios, também, são largamente usados para efeito de sugestão rítmica e de superlativação, como em:

"Para completar a descrição, devo declarar que, além de alto, era magro muito magro. (...) E era triste, terrivelmente triste."

"Deveria estar falando em assuntos tremendamente sérios..."

"...na longinqua e amada Santa Maria do Grão Pará há uma prática extremamente bela, que se chamava banho de cheiro ou banho da felicidade."

"Como acontece em toda parte, há ricos e pobres, hoje como ontem, na minha cidade. Apenas os pobres de hoje são tremenda, monstruosamente pobres."

Encontramos, ainda, na obra de Eneida, a exploração do discurso indireto livre, criando uma ambigüidade entre o objetivo e o subjetivo:

"Eram muitos, muitos; janelas e portas se abriam em todas as casas. Quem deixava de comprar seu banho de cheiro para aquela noite?"

"Sabia com dignidade e eficiência a ação de todas aquelas plantas. Mulher precisa agarrar marido, namorado ou outro qualquer amor que começa a ser infiel? É só tomar banho com carrapato."

"Agora eu compreendia; eu sabia. Mamãe tivera, como sempre, razão. Como poderia eu ter entendido na época da descoberta da rua, (...) a desgraçada vida daquelas mulheres, suas blusas tão decotadas, seus olhos tão cansados, suas bocas tão pintadas?"

Outro recurso freqüentemente empregado por Eneida é a valorização do gerúndio, que usou para:

- dar idéia de continuidade de ação, ação em curso, como transcreve-se a seguir:

" Meses passando, algumas vezes o assunto voltava, mas já perdera o calor dos primeiros momentos. Fatos tornando-se cada vez mais longínquos. "

- referir-se a uma ação durativa que se realiza progressivamente ou por etapas sucessivas:

" Dois homens fortes - o Pedro e seu Joaquim - seguravam a corda atrás de mim, e eu ia subindo, subindo, eles iam soltando-a lentamente até que eu ficava bem em cima da manjedoura... "

- exprimir a idéia de progressão indefinida, pelo aspecto inacabado do gerúndio, surgindo, daí, uma construção afetiva, ação que se prolonga:

" Sabá vendendo banhos miraculosos no mercado; Sabá evitando desgraças, abençoando com ervas os amores, fortalecendo com plantas lares arruinados. Sabá amando, colaborando, construindo. Homens com tabuleiros gritando " chêro cheroso ", balões subindo aos céus (...), fogueiras crepitando, banho de cheiro fervendo, castanhas pulando quentes no meio do fogo, (...) famílias crescendo, as festas caipiras, os remos de jasmims e os Boi-Bumbá vindo para a porta de nossa casa, pedindo licença para entrar. "

" Penso em pés desbravando a Amazônia, pés construindo estradas, pés plantando, pés cuidando de terras e civilizando-as, pés trabalhando, pés preparando açudes, pés criando, pés produzindo. "

Aparece, também, o gerúndio como ação posterior, equivalendo, geralmente, a um acréscimo, ou seja, a uma oração coordenada iniciada pela conjunção " e ":

" ...as famílias dos jogadores - mirins compareceram em peso, levando amigos e conhecidos. "

" Quando meus desejos mocinhos chegaram, a açuceneira - um arbusto - queria ser árvore para se debruçar na minha janela, colaborando nos meus sonhos. "

" A pergunta tornava-se insistente, exigindo uma tomada de posição. "

Outro uso do gerúndio é como ação simultânea, correspondendo a um adjunto adverbial:

" São os mesmos pés que eu gostaria de ver dançando, amando, pulando, cantando.

(...): vivíamos usando e abusando de todos os prazeres de nossa cidade. "

Encontramos verbos, substantivos e adjetivos amplamente usados como componentes metafóricos:

" Teu irmão é um banana. "

" Quantas bandeirinhas de papel de cor! Que mundo de lanternas japonesas! "

" A velha mangueira (...) e hoje creio que ela fosse sóbria e misteriosa, quase floresta escura. "

" O Amazonas estava no seu sangue e no seu coração: um amor caudaloso, tão grande que ninguém, em nenhuma época, pôde afastá-la de seu rio e daquelas viagens. "

" Há palavras magrinhas e altas, fazendo bailados. "

" ...está pisando levemente a areia, e o sino ri alto, brincando de bater no besouro. "

Nesta rápida análise que fizemos de alguns dos recursos estilísticos (porque existem muitos outros mais) da obra de Eneida de Moraes, viajamos com ela por um mundo encantado, fruto tanto da realidade, como de sua imaginação, a que ela chamou de Aruanda.

Mundo de sonhos, de esperanças, de promessas, de revigoramento de nossas energias.

O corre-corre dos dias atuais na luta pela sobrevivência, a inversão do valores éticos que presenciamos, provocam profundos desgastes físicos e emocionais, e a leitura de Aruanda nos conduz para um *" país de Liberdade e de Paz, país sem desigualdade nem ódios, sem injustiças nem crueldades, país de amor sonhado por todos os homens. "*

Mas a luta pela vida continua: o compromisso, o dever, a obrigação nos obriga a interromper a leitura, a fabulosa viagem que fizemos com Eneida.

Todavia, voltaremos mais fortes, com mais disposição para a luta para a retomada do caminho da vida que, como pensa Eneida de Moraes, *" é um grande bem coletivo. "*

Daí o legado oferecido: a esperança, a força e a coragem, através da leitura de sua obra que nos conduz à evasão da cadeia de problemas atuais, deste mundo de tanta violência e competitividade desumana, revivificando, restaurando nossa vontade de sorrir, sonhar, viver.

Lucyrene Aranha Moura - professora de Língua Portuguesa e Redação; e Chefe do Departamento de Língua e Literatura da UNAMA.

O BANHO FOLCLÓRICO DE ENEIDA DE MORAES

Edvandro Pessoa

Alguém pode suscitar em Eneida de Moraes uma perfeita saudosista. Em " Banho de Cheiro " ele faz transbordar o maravilhoso poético urbano de Belém (dos tempos de outrora) e do fabulário amazônico.

Suas reminiscências, fruto da vivência ativa e otimista, que ela diz ter herdado da mãe, desembocam para o lúdico entranhado na cultura do povo, tendo permanecido bem guardado no cantinho saudoso da sua mente.

" Banho de Cheiro ", dentro da abordagem genérica, apresenta uma íntima e particular interação de Eneida com seu habitat, num enquadramento bonito, correto. Isso prova que Eneida soube viver a cidade de Belém nas mais diversas manifestações, o que provoca a adoção de dois momentos: um, quando Eneida descobre e degusta o néctar; outro, quando relembra (e não quer abandonar) esse sabor gostoso e perene da infância.

Eneida despeja boa dose de emoção quando relata seu período de cárcere. Identifica-se quando se prontifica a descrever a mulher vendendo tacacá; a procissão do Círio; as suas estrepolias pelas ruas e praças de Belém. Aqui, o comentário: " mas, são imagens tão repetitivas e visadas, tão banais! " Pela mão de Eneida não ficou banal, mas incitativo, justamente porque a visão literária da autora perdura o tempo da imagem. Esta, temporária, deixa marcas profundas na mente, porque foi vivida, teve a essência do conhecer.

Não há uma simples narrativa, ou somente a narrativa. Eneida consegue revestir cada episódio com outras temáticas, por vezes críticas. As imagens não ficam isoladas, mas acompanhadas de uma análise, um questionamento. A preocupação com o monumento, a rua antiga com outro nome, a casa onde nasceu, que agora é edifício, é progresso, faz de " Banho de cheiro " o observador enjoado dos tratores do futuro, encobridores da história pela poeira, em nome do progresso.

A presença folclórica em " Banho de cheiro " representa e traduz a Eneidinha do primário, diante do mapa do Pará, vendo a poesia do boto sedutor; da Iara, que arrasta os homens para o fundo do rio; do uirapuru... e tantos, e tantos casos, tantos momentos de paz, de medo, sofrimento. Para se viver no mundo urbano dos arranha-céus escrevendo todas essas passagens é preciso vivência estabelecida com os mitos, com o lúdico, o que é um meio de manter viva a essência da origem. E abarcar esse mundo para ser forte - para ser nação forte - é a lição que " Banho de Cheiro " nos quer dar.

Eneida quer sempre justificar o conhecimento a certeza que partem de si, quando retrata seu torrão. Vai buscar fatos da estória, personagens. Procura fidedignidade para com

o leitor, por amor sua cidade. Faz-lhe saber que é sua admiradora e amante principal. Que esse bem amar percorreu toda a espinha de sua trajetória.

"Portas e janelas se abriam. Os homens paravam de casa em casa, desciam os tabuleiros; ervas, raspas, folhas, pedacinhos de madeira passavam de suas mãos às da compradora. Ninguém queria perder o direito à felicidade: ricos e pobres. Nos fogões e nas fogueiras - as mesmas que iriam iluminar a noite do santo - a grande lata fervia, com os vegetais perfumados da Amazônia que, ralados, esmagados, verdes pala juventude ou amarelecidos pala velhice, dão, depois de fervidos, um líquido esverdeado com o exuberante perfume de mata virgem. Patchuli e pau-de-Angola, priprioca, catinga de mulata, manjerona, bergamota, pataqueira, cipó-catinga, arruda, cipó-uíra, baunilha, corrente, perfumes selvagens é certo, mas que misturam minha vida de hoje com a de ontem, com a mesma intensidade."

(in. Banho de Cheiro - pg. 198 - Coleção Lendo o Pará)

Edvandro Pessoa - aluno do 3º ano de Letras da UNAMA

Eneida: o girassol das janelas de Belém

Paulo Nunes

Diante de Eneida as mangueiras florescem, mangueiras que Belém, nos dias de hoje, vê agonizar. Se viva, Eneida indagaria: - Que será de Belém sem essa mãezonas gorduchas? Quem matará a fome da cidade? Quem diminuirá esse calor que nos sufoca?... Eneida, pouco a pouco, tornou-se uma espécie de arauto da cidade, porta-voz da liberdade, relações públicas da vida.

Se enveredarmos pelas associações simbólicas e dividirmos as personalidades entre solares e lunares, Eneida está entre as primeiras. Apesar de praticar veneração terra em que nasceu (chuvosa Belém, acinzentada Belém de dezembros-e-janeiros), Eneida exalta a claridade, a luminescência. Certa vez, disse a cronista: " ... Não creio, Rimbaud, não creio, senhores tradutores - e maus - de " Voyelles ", não creio que as letras tenham cor; as palavras, sim. Melancolia é cinza sombrio (...); amor é azul, eu sei: cor de mar e céu reunidos... " Em outra passagem de suas obra, ela reclama da falta de sol, justamente no momento em que o irmão menor iria estrear no futebol do Paramount: " ...A estréia foi num domingo: campo cheio, as famílias dos jogadores-mirins compareceram em peso... Mas chovia. Belém amanhecera toda molhada e a chuva que caía era aquela chamada de mulher: fina, persistente, molhando até os ossos, chuvinha que não pára nunca mais. Em linguagem popular e atual devemos chamá-la de seu verdadeiro nome : chuva chata... " Não há como negar a quase repulsa da escritora face chuvosa da cidade vestida de cinza-melancólico. Basta vasculharmos as páginas da suas crônicas e aqui e ali encontramos a imensa necessidade da exaltação solar, da reafirmação da alegria que, nós, latino-americanos, identificarmos mais facilmente quando o solão espalha seus raios pela Terra.

Jean Chavalier e Alain Gheerbrant, no Dicionário de Símbolos (José Olympio, 2 ed., 1989), registram as variações inúmeras sobre a simbologia do sol para as diversas culturas humanas. Dizem eles: " ... o Sol aparece (em algumas culturas) como um símbolo de ressurreição e de imortalidade. Os imortais chineses absorvem a essência solar, assim como as sementes de girassol, cuja relação com o simbolismo solar é evidente. O Sol é um aspecto da Árvore do mundo - da Árvore da vida - que se identifica com o raio solar.

O Sol está no centro do céu como o coração está no centro do ser... " Eneida seria o coração

imortal de Belém? Talvez sim. E por isso, necessitados como estamos, precisamos, desesperadamente, ler Eneida. A nossa cronista não se esgota em apenas os dois livros editados pela SECULT, **Aruanda e Banho de Cheiro**. Queremos a Eneida de Terra Verde, a de Sujinho de Terra. Desejamos ver Eneida redescoberta pelos inúmeros cantos da cidade que ela amou mais que ninguém (perdoem-me pelo ufanismo mas é verdade!). Sonhamos com os profissionais de Letras amando Eneida, analisando seus livros, o que se transformaria num ato de lucidez e paixão. A UNAMA, que fica localizada na Pedreira, beira da praça-homenagem, pode decisivamente fecundar Belém com os textos da cronista. Que tal criarmos um programa que edite - a modo do Lendo o Pará - as obras esgotadas da autora de **Aruanda**? Após editados, os livros se transformariam em instrumentos didáticos para estudantes e professores, que os levariam, num trabalho de extensão, comunidade escolar da cidade. Fica-nos o desafio.

Mas como esta conversa já tende repetição, fiquemos com Eneida, no momento em que ela abre **Banho de Cheiro**, livro republicado, em Belém, no ano de 1989:

" Para a minha cidade, na sua pessoa física, que - para mim - é minha mãe... Para a minha cidade, suas ruas e praças, suas manhãs claras e noites profundas de jasmim bogari; para os igarapés, para os canteiros dos jardins públicos hoje abandonados, outrora morada de rosas-meninas; para a minha cidade e toda sua paisagem; para a minha cidade, sua gente da Pedreira, do Umarizal, Jurunas; para a gente da São Jerônimo, Nazaré e Independência. "

Paulo Nunes professor do curso de Comunicação Social do Departamento de Língua e Literatura da UNAMA. Como escritor tem publicados *Em Cltrial*, *Banho de Chuva*. É co-autor de *Texto e Pretexto*, experiência de contextualização a partir da literatura de autores amazônicos, obra adotada na UNIVERSITÉ CHARLES DE GAULLE, LILLE III, Paris.

A palavra de Eneida, em inglês

CHAPTER ABOUT CLOCKS

Tradução livre de Capítulo dos Relógios, por Yone Mattietto

"Outros relógios tive, muitos morreram, apenas esses têm histórias para se contar"

(Anuanda - Lendo o Pará).

One night, in one of the occasions when I was arrested (who could ever forget the traffic days of brazilian fascism?) I was taken from jail to the Police Department. I was going to be questioned again.

When I arrived at the shady building of Relação Street, I staid at a very small room where there was someone else. It was night, very dark in that small and cold place. I cold not see the person. I asked:

- Who are you?

I heard some sobbing and a female voice started talking:

- I am not a politician, I never got involved in this subject, but they have arrested me. And you, who are you? I don't understand why they did this to me. Meybe because I have said at the government agency whern I work that we need to have freedom in Brazil. I also have some relatives who were arrested, but me... (and sobbing)... What time is it?

I told her the time and who I was, where I came from and waited until could see in the dark. We talked. She was a pretty bruntte womam who cried and crid. She cried a lot. Certainly she was going to lose her job, she was going to suffer, they were going to beat her:

- Do you think I am going to be tortured? They say they beat you a lot. I am not afraid but I can lose my job. What will happen to my mother if I lose this job? Tell me: do they kill?

She cried and talked and at every moment she would ask me what time it was. The time seemed to have stopped.

I spent all night giving her my shoulder, explaining her our life, telling her stories about other women who also have lost their jobs; I told her stories about brave prisoner women, a lot of them. I talked, talked and at every moment was interrupted:

- What time is it?

When I came back from the questioning which was very long, she was prostrated, crying out loud, she was suffering more. She wanted to know if I had suffered, if I had been beaten, what had happened there. She asked as if I could decide anything:

- Stay with me. Don't leave me alone. I think I am going nuts. If I lose my job, what will happen to my family? Do you know what means to be the provider? Please, tell me other stories. What time is it?

She became impatient to that endless night. The clock didn't work, for sure. Every moment she would ask the time and I would answer, the girl would get angry:

- It cannot be that. Still two o'clock? Still three o'clock?

We didn't sleep all night. The hours passed with such slowness, I was exhausted of replying:

- 3:15; 3:20; 3:40.

We were together living minute to minute. Her suffering was so intense and she was not prepared to that, her despair was so much out of control that I decided to say something to comfort her:

- You know, my watch is not good. It is always slow. It is a cheap watch, very old. It must be wrong.

They let her go at dawn. Nothing was asked, even her name. That was Brazil at those times.

At the first Sunday after that night, they gave me a big basket with fruit, cheese, candy and, in a dark box, a watch.

The gift didn't bring any identification. At that time, any relation with a political prisoner was a step to go to prison too. But I knew who had sent it, because of the watch. It was cute, delicate and working with accuracy.

Her name, what it was, I don't know. But the best gift she ever gave me was to be always at my side, greeting me with her hands and wonderful smiles. She stopped asking me the time for good.

I had other watches, but only this one has story to be told.

Capítulo dos Relógios. pg. 118 do livro Lendo o Pará 2 - Eneida de Moraes

Aruanda

Banho de Cheiro

Yone Mattietto - aluna do curso de Letras da Unama turma 3LEN1 e professora de inglês do C.C.B.E.U.
(Centro Cultural Brasil-Estados Unidos)

ENEIDA: PAISAGENS GEOGRÁFICAS E EMOCIONAIS

Maria Célia Jacob

Não há em nosso chamado mundo interior qualquer conteúdo, nem conhecimentos, nem emoções, nem intuições, nem certezas, nada ali que não tenha nascido da comunhão entre corpo e mundo. " O corpo é o berço de todas as nossas significações " (GUSDORF, 1960: 72).

As estimulações são o " pão do nosso mundo pessoal " e a forma de reagir a elas e elaborar respostas vêm das profundezas do mistério humano e da sabedoria de saber contemplar e apreender paisagens. Esse quinhão de enigma e perplexidade que dinamiza a vida é bem temperado por Eneida de Moraes que, ao manter alerta os seus sentidos, vive de paisagens. Das geográficas e das emocionais.

É tão verdadeiro o que esta cronista da Amazônia, com olhar poroso e coração aberto, apreendeu dos rios, das amazônicas folhagens, das chuvas e dos igarapés e igapós, quanto é o enriquecimento ganho a cada momento e a cada hora com as paisagens emocionais que seus semelhantes lhe oferecem ou ajudam a descobrir no fundo de si mesma (quando são tantas as dificuldades que encontramos, muitas vezes, de ver a nós mesmos...):

*" Espantados e felizes ficavam meus ouvidos
recebendo tudo aquilo tão necessário à minha vida, eu
que tanto aprendera com meu pai a amar aquela terra,
o rio, a gente. Que importa os 1.150.000 Km, se o
Estado cábia inteiro no meu coração... "*

O outro mostra-lhe um mundo de paisagens geográficas através do código cultural - a voz do saber, código dos saberes humanos, da cultura - transmitido pela escola, pelos livros, pela vida comunitária. Ela, num processo de re-criação, mesclada com paisagens emocionais, percebidas e refletidas no seu texto com as mais diversas matizes:

*" A professora chamava-se D^a. Hilda e ensinava
que o mais importante rio que banha o*

Pará é o Amazonas, nascendo no Peru, mas vindo viver e amar terras brasileiras. Como eu gostava dessas lições..."

O amor concebido por Eneida estende-se a todas as coisas e pessoas, prolonga-se na sua fala e nos parágrafos geralmente longos e de aspecto memorialista, preso às coisas do passado, em especial à Belém, à sua gente e à sua grande "amazonice". Usando freqüentemente o código da comunicação que, segundo sugere Roland Barthes, é o que se refere a todo o relacionamento estabelecido pelo texto entre narrador / narratário; ficção / realidade, com a presença na narrativa de locais, acontecimentos e personagens da vida real:

" No meu tempo, a grande casa assobradada era azul; sei que era azul, pois essa cor está gravada em todas as minhas recordações. Andou em pedaços marcados de céus, nas manhãs claríssimas de Belém, vestidinhos curtos, em fitas nos cabelos. Azul, muito azul, sempre. "

Ainda assim, ela reage:

" Fatos, personagens, histórias contam aqui um pouco de minha vida sempre vivida em profundidade. Não pretendo escrever memórias acompanhando no tempo tudo que vi, senti, sofri. Para quê? O melhor é deixar apenas pequeninos trechos, fazer o levantamento de lembranças mais profundas, ocorrências gravadas na memória. Geralmente os memorialistas temem recordar coisas banais. Este é um livro banal. "

Sem banalidade, a cronista Eneida pretende-se não o repórter da crônica jornalística fria e objetiva, mas o poeta ou o ficcionista do cotidiano, desentranhando do acontecimento sua porção imanente da fantasia. Como crônica literária, seu fazer oscila, assim, entre a poesia e o conto.

Enquanto " poesia ", sua crônica explora a temática do " eu ". Resulta do " eu " ser o assunto e o narrador a um só tempo, precisamente como todo ato poético. É aqui que, também, a crônica de Eneida irrompe o símile com o poema. Uma poesia do cotidiano, parente da poesia de circunstância já que se estabelece a fortuita afinidade entre os acontecimentos e o seu mundo íntimo. É o encontro feliz entre o motivo da crônica e algo da sensibilidade da escritora espera do chamado para vir superfície, decorrência do clima poético que frui de sua prosa, de sua narrativa cheia de poeticidade:

" Só o mar, o rio, o grande rio, aqui azul, ali verde, mais distante negro, barrento além, límpido mais adiante, interessava sua curiosidade, dava-lhe o desejo de viver e ser gente. Ser gente não era andar na terra: ser gente era andar no mar. "

Mas a crônica, enquanto espécie literária, é por natureza uma estrutura limitada, breve, não apenas exteriormente e sim, acima de tudo, interiormente, diferente do conto. Eneida, porém, não se deixa intimidar pelo que deveria ser um texto breve, na sua " cronicidade ". " A brevidade de crônica " - diz Massoud Moisés - " tem em Eneida uma exceção, já que seu texto se distende por várias laudas ". E, ainda que pese, contudo, essa limitação, e sem querer ser conto, o relato do cotidiano de fundo poético, se prolonga e se instaura na crônica de Eneida em consequência de um processo que se diria fundado na aproximação dos contrários: a relação íntima entre o motivo simples, singelo, que surge do cotidiano metamorfoseado em saudade e um " eu " que se descobre sensível a lembranças oniricamente desenterradas e expressas como no próprio ato de sonhar. É a poesia morando no interior do relato do acontecimento diário e / ou na sensibilidade da cronista. É o cotidiano dialogando com o pensamento:

" Passet quinze anos sem ver Belém. Quando o cansaço tomava conta de mim, eu fechava os olhos e viajava a minha cidade, tal como era no tempo de meu pai... "

" Por que sou capaz de lembrar assim fatos de épocas longínquas? Por que a qualquer momento uma estória qualquer se presta à ressurreição de atos, vozes, gestos e até mesmo olhos, narizes, cabelos, mãos, coisas que nenhum retrato guardou e que tomaram parte na minha vida passada? Por que está tudo assim tão gravado em mim? Nem sequer preciso fechar os olhos para encontrar figuras de minha infância; nada preciso para recompor hoje - tantos anos depois - gestos, palavras, comportamentos. "

Esse retorno (o mito do eterno retorno), que se dá desde ela própria, de seus momentos, de sua cidade, é o álbum de retratos de uma mulher sôfrega no escrever e no viver. Mulher que, s múltiplas escolhas que a vida lhe oferece, não se recusa. Sem medo ou constrangimento.

" Considero-me uma mulher profundamente feliz; sei que o sou porque cedo tomei posse do meu destino e pela estrada escolhida caminho sem desfalecimentos... "

Acreditando na permanência do desejo de contar e ouvir estórias, Eneida multiplica-se, sutil, diáfana, como leitora e relatora comovida de sua cidade, de sua gente, de seus mitos, cheiros, credices; expressando em palavras seus sentimentos, sua relação afetiva com Belém, o rio Amazonas e o mundo, carregando consigo uma vida, um corpo cheio de significações e que só sabe morrer de paixão:

" Meu coração já mandou um aviso que é o enfarte. Do coração não quero morrer, simplesmente porque espero morrer como tenho vivido: conscientemente. Não penso na frase que devo

pronunciar antes de morrer ou morrendo. Sei apenas que ela deve ser bem incisiva. Se pudesse, gostaria de morrer em Belém do Pará, a minha mui amada cidade. Servisse meu corpo para dar seiva s mangas do Cemitério de Santa Isabel, todo arborizado de mangueiras. Mas estou viva e o importante é viver um pouco mais. É o que ora faço. "

E, enquanto ela age sobre o mundo, o mundo reage nela. Os dois travam profundas e amorosas relações. Mundo e corpo, com seus riscos a correr e fios a trançar, num tear misterioso e polivalente.

A crônica de Encida é esta conjunção de experiências entretecidas. Carinhosamente tecida de geografias e emoções. Como num caso de amor, quando é para valer. Quando é verdadeiro. Apesar do tempo e da distância.

" Que importa os limites do Estado do Pará se para mim, ao norte, sul, leste, oeste, ele é todo limitado pelo meu grande amor? "

Maria Célia Jacob - professora de Teoria da Literatura e Literatura Infãnto-Juvenil. Coordenadora do Curso de Letras da UNAMA.

ENEIDA - A PIERRÔ QUE TAMBÉM FAZIA VERSOS

Ludirema Lopes

Eneida de Moraes também escrevia versos. Principalmente as letras de muitas canções que foram musicadas para animar os bailes de carnaval que ela tanto amava. E não só no Rio de Janeiro eram famosos os bailes por ela organizados. O Clube do Remo, em Belém também promovia seu Baile do Pierrô, nos anos 60. " É no carnaval " - dizia Eneida - " que desabam as fronteiras sociais ".

Seus versos são quase desconhecidos, já que foram publicados em revistas e jornais. Uma publicação esparsa. Eis alguns trechos, versos de Eneida da Canção Duns Olhos Verdes (04/09/1926), publicados no número 66 da revista Belém Nova:

.....
**As palavras mais leves, mais suaves, mais doces,
vinham brincar com os meus lábios febris,
e morder suavemente os meus ouvidos...
A tua voz despertou-me...**

**Na tarde turbulenta, ao som dos guizos e trombetas,
na orgia de luz daquela tarde de agosto
a tua voz vestiu-me de carícias
encouraçou-me de Amor
e cativou-me... prendeu-me
A tua voz... A tua voz...**

.....

Sempre namorando a vida, Eneida não poderia deixar de escrever em versos seu estado de paixão permanente. Em 15 de janeiro de 1927, a mesma Belém Nova publicou o poema **Meu Flirt Com a Vida**, datado 1926. Eis alguns trechos:

.....
Vem comigo!
Quero que conheças o mundo, a humanidade
As mentiras boas que impulsionam cérebros e coração...
Vem comigo.
.....

E acabou por me dar este véu de saudade...
Que é doce e suave como um beijo...
Véu que envolve meus cinco sentidos,
Sorrindo e chorando, que saudade!

.....
E foi este o meu flirt com a vida...

Pesquisa de Ludirema Lopes - aluna do 4º ano do Curso de Letras, UNAMA. Fonte: Introdução à Literatura no Pará, Vol. III. Academia Paraense de Letras.

Última Página

ASAS DA PALAVRA

Nº 0

**Número especial, dedicado à instalação da
Universidade da Amazônia**

**Produção Acadêmica do Curso de Letras
da
UNAMA**

**27 de novembro de 1993
Belém. Pará**